Jorge Tufic

IAPINARI

(a pedra que vê)

Manaus- 1985

Direito de primeira edição adquirido pela
Imprensa Oficial de São Paulo (D.O. LEITURA).

APOIO: UNIVERSIDADE DO AMAZONAS
05 DE JUNHO — DIA NACIONAL DO MEIO AMBIENTE

A RAZÃO DO MISTÉRIO

Índio nãovida, entre brancos. Descido parar dos tarianos aqui, nesta Barra ficou. Luas de antepassados comigo, no sangue impedir outras vidas naquele, onde estou. Por isso índio, verbo fazer de braços trabalho, como joão-de-barro na pedra grande, cantaria domar. São Luiz, Belém, rocinha, aguadeiro, velhice, miséria. Tempo nos homens passar, igual. Nas águas nas, tempo outro é, de peixes, nuvens, pássaros. Quando Barra lugar seus donos, meu corpo era aquilo, meu. Andejava nos ventos, cursando modos de achar natureza. Depois, contam, chegaram eles, suas quilhas, seus ferros, uivando nos mastros. Mauari, o bem e Sarauá, o mal, tentaram vulcões e chuvas, mas força dos remos dividiu seus braços entre negro e solimões, cruz e espada juntos afastaram nossos deuses, expedições trazem loucura, fomes, doenças. Agora esta cidade, o Forte, e por tudo esse gosto de terra, cinza dos nossos olhos, fogos de amor, valentia e resignação, ermos de urnas plantados com flechas ainda, combatendo no escuro. Velho fiquei, pele esturricada, ando, falo, sei não sei. Abrir-se no meio, como fez Corupira caçador, fácil não: jeito muito precisa, confiança ouvido, certeza não estar índio sendo outra coisa. Assim falo você como dois, e lhe digo um século tenho vivido, mesmo vezes sem rede, farinha e cachimbo. O que vi o quê, poucas me viu, rastejo sei voar, as lendas vestem meu couro, sai por aí me contando, e cada vez me contam, se perdem de mim, raízes vão sem lugar de onde veio, falares nossos voltam meus ouvidos, já foram.

Quem, audaz, coleta a razão do mistério? Palavras somente, não cabem. Nossos contos, nossas almas, são. Se foram ditos, a pedra que somos leva, conduz e grava, como tudo que é solto melhora a liberdade. Assim, contam, nossas lendas sabem melhor do que nós, o que somos. Nós. Milhares delas andam como as sementes: no bico das aves, nos córregos, morrem, pegam, tornam a morrer, frutificam, renascem. Sei de alguns que fizeram a escrita de muitas, viram talvez que podiam dizer a maneira, o gesto, a frase, nunca, pois, o sentido, a forma. Em sonho, enquanto eu lia os textos de Barbosa Rodrigues e Antonio Brandão de Amorim, procurando uma terceira versão para eles, a voz daquele índio me cercava por todos os lados. Decerto, queria-me transmitir a força que me faltava para um tratamento mais arrojado dos contos e de todo o lendário reunido nos livros daqueles etnólogos, o que, sem dúvida, teria conseguido se tivesse uma melhor

ajuda de ambos, a rigor subordinados a um canal de percepção que somente o poético, a exemplo de algumas passagens de Brandão de Amorim, seria capaz de atingir. Encontrei aquele índio numa velha página da história de Manaus, ali onde se fala no aspecto ainda indeciso da vila, os cílios de aldeia e as ruelas com nomes da santíssima trindade. Entre o sono e a penumbra que ameaçava comer os objetos da sala, ouvi-lhe as queixas, deixei que falasse. E, nessa fala, o reconto dos longes perdidos, o silêncio dos peixes e a construção ainda mais silenciosa das casas de pedra branca, e dos túneis que ligavam esse universo sem compromisso de tempo ou de espaço.

Voltei ao lendário, e comecei a "traduzir". Botei direitinho na cabeça que eu estava lidando com uma coisa nossa, balda ainda de maiores sondagens, embora já tenha servido de roteiro para as grandes audácias de macunaíma e cobra norato. É que era preciso pensar dessa maneira, lembrar que, além destas, outras matérias primas foram levadas daqui, sem a marca de origem. Os contos primitivos que devemos, hoje, aos coletores de poranduba amazonense e lendas em nheengatu e português, a partir da segunda metade do século dezenove, se alguns estudiosos do folclore amazônico lhe fazem referência, o certo é que poucos conhecem de fato. Para mim, nada se compara às lendas recolhidas por Brandão de Amorim, que as traduz como sente e como sabe, e transcreve ao lado o "texto" no idioma dos índios. Com Barbosa Rodrigues ocorre um acréscimo ao texto original de uma tradução direta das peças recolhidas, antes de dar a sua em português. Não sendo poeta como o outro, presume-se estivesse evitando o risco de comprometer o cientista. Assim, ele deixa aos leitores uma terceira opção, de entender ou re-fazer como lhes pareça melhor. Esta opção não existe praticamente em Brandão de Amorim, que alcança, na simplicidade do vernáculo, a linguagem indireta e metafórica dos nativos, conciliando os fatos narrados com as imagens poéticas cuja expressão se torna universal.

Ainda uma vez, depois de SAGAPANEMA, os contos e as lendas reunidos neste caderno só alimentam o propósito de estimular nosso povo, os estudantes e escritores principalmente, convidando-os a ir mais longe do que mostram os livros de literatura, subordinados a ciclos e fases do extrativismo regional. Da <u>ruptura</u> à <u>continuidade</u>, conforme nos explica esse processo de colonização a doutora em Letras Maria Consuelo

Cunha Campos (MG, Suplemento Literário, ano XV, nº 857), existe muito mais do que se pode imaginar, desde que a essa continuidade os estudiosos acrescentem a descontinuidade no processo cultural da catequese do elemento nativo, cuja sabedoria, técnica e linguagem foram relegados pelo branco, aproveitando-se apenas sua força de trabalho. Desta lacuna surgiram, portanto, os probos coletores de lendas, os etnólogos propriamente ditos, os quais, junto aos remanescentes da catástrofe e ao lado dos curiosos, que lhes abriam parte do caminho para a descoberta daqueles filões perdidos, nos legaram o possível de tantas andanças pelos rios da Amazônia.

Assim, do momento em que encerro estas linhas ao último gesto de criatividade narrativa dos nossos ameríndios, rolam gerações de filólogos, cientistas, poetas (na sua maioria influenciados diretamente pela cultura européia), e uma gama de outras atividades voltadas mais para os estudos da língua do que da linguagem. Mesmo com as novas aberturas criadas pelos movimentos literários mais recentes, exceto o Anta, se houve a preocupação com a mudança da forma e dos efeitos estéticos, em contrapartida ao antigo e ao modernoso, nenhuma outra se manifestara quanto à pesquisa de uma linguagem regional baseada nas fontes, muito antes da colonização e da influência nordestina.

Nenhum método utilizei nestas versões, a não ser apenas e unicamente o da preferência que me tocava. Fui lendo, e "traduzindo". Uma grande parte dessas "traduções" deixaram de ser aproveitadas, devido ao seu prosaismo. Outras, ficaram para um dia qualquer, se melhoradas. Por este motivo, as que fazem parte deste trabalho são poucas, mas querem dizer algo, não somente daqueles que as coletaram, senão também de mim mesmo, que tive a impressão de viver, em cada trecho desse universo, a mágica de estar violentando as convenções magnéticas da terra, indo e volvendo para todos os lugares, sem ter que deixar este chão nem a pele que habitamos. Estes contos, estes poemas, são também destinados às crianças de todo mundo. Acuti pitá canhen.

JT

NOTAS E GLOSSÁRIO

Consta a primeira parte deste livrinho de "Lenda macuxi", do original Gente Macuxi — origem do mundo, de "Lendas em Nhêengatu e Portuguez", de Antonio Brandão de Amorim; "Tinkuan", de "Poranduba Amazonense", de Barbosa Rodrigues; "O Corupira e o Caçador", idem; "A Noite", de SAGAPANEMA (poemas de Jorge Tufic, 1981) e "Jurupari", também de "Poranduba Amazonense". A segunda parte compõe-se de variantes poéticas sobre várias lendas coletadas nas obras desses autores, excluindo "Matinta-perera", também de SAGAPANEMA.

Glossário: Piraíba - O maior peixe de couro do Brasil (Aurélio, Dicionário).

Tinkuan - Ave agourenta.

Uambé - Cipó.

Corupira ou Curupira - Deus defensor da floresta. (Raimundo Moraes).

Uacurau - Bacurau. Ave noturna.

Canauaru - Arú: uma casta de sapo.

Jurupari ou Iurupari - Diabo, Satanaz, Demônio. (Octaviano Mello)

Ipadu - Erva que os nativos põem na boca para não ter fome. Usam a folha seca feito pó. (Octaviano Mello).

Traíra - Da família das enguias de água doce.

As Sete Estrelas - O Setestrelo.

Cobra Grande - Boiúna. Mãe D'água.

Membi - Flauta de taboca, de osso de canela de veado ou de onça.

Uanana - Refere-se aos uananas, antigos habitantes do Kaiari; povo regido pelas leis de Jurupari.

Matinta-Perêra -"Querem alguns que o Maty-Taperê seja a velha e não o pequeno (Kurumi de uma perna só), porém o mais correto no vale amazônico é que esse pássaro fantástico seja a metamorfose do Corupira." (Barbosa Rodrigues).

PRIMEIRA PARTE

LENDA MACUXI

(Rio Branco)

No princípio, era o canto.
A lua cantava pelo céu, todos ouviam
seu canto bonito.
Por cima dos galhos macacos cantavam.
Todos os animais da terra
— répteis, aves e peixes —
também cantavam.
Antes a noite era grande, vazia.
Da carne das frutas comidas pelo homem,
nasceram os animais.
Das sementes brotaram cabas, formigas,
lacraus e aranhas.
Lançadas ao rio, estalaram seus peixes.
A árvore que falava, disse ao homem:
— Come a carne da fruta,
depois enterra a semente.
Mas ele esqueceu-se do que a árvore lhe disse,
passou a estragar tudo,
espantou-se do que fez.
Embaixo da árvore os bichos e animais
aumentavam de número e tamanho.
As sementes deixadas nos galhos
cantavam saracura, mutum, carão,
maçarico, guariba e outros.
No rio jacaré, sucuriju, piraíba,
outras espécies cantavam também.
Ele ficou espantado: nenhuma árvore
lhe respondia mais onde estava
nem de onde vinha esse barulho.
O homem quedou-se triste,
e já não tinha (já) como de onde fugir.

TINKUAN

(Rio Negro)

Noutro tempo
um chefe tinha um filho encantado,
sua pele riscada brilhava
na barriga da piraíba.
Esta fera comia a gente
que passava pelo lago.
Os tapuias, todos os dias,
punham no lago uma criança
para o velho piraíba engolir.
Assim, ele deixava passar os que iam
para o lago
em busca de alimento.

Os chefes, porém, viram essa gente
perdendo-se no lago, disseram:
— Vamos já cortar uambé,
fazer linha de pesca puxar piraíba
com isca de criança bonita.

No meio do lago atiraram a criança.

Piraíba pegou o anzol
eles puxaram, mas ela, valente
arrebentou a linha, fugiu.
Um pagé chamou os chefes,
disse para eles:
— Meus netos, vocês não peguem piraíba,
ela coisa agourenta, má, ela gente
com alma do filho daquele chefe.
Façam agora uma linha de pescar
com os cabelos de vossas mulheres,
para então a pegarem.
Logo as mulheres cortaram cabelos

para fazer linha bem grossa,

depois puseram uma criança de isca,

puxaram piraíba velha.

Os pagés disseram, já, para eles:

— Vocês matem piraíba,

abram barriga dela, acharão um pássaro,

alma do filho do chefe, encantado.

Não o deixem fugir voar, pois

quando seu canto fizer Tinkuan,

morreremos todos.

Eles acharam o pássaro

que logo escapou de suas mãos,

subiu para o alto de cima, cantou:

— Tinkuan! Tinkuan!

Depois o céu virou escuridão,

a terra tremeu,

o lago secou,

a gente morreu toda

e o pássaro feiticeiro ficou sozinho

no mundo, cantando:

— Tinkuan! Tinkuan!

Este pássaro nós vemos outrora

no filho do chefe que estava encantado.

Seu canto belisca na pele do medo.

O CORUPIRA E O CAÇADOR

(Rio Solimões)

Mulher e filhos pequeninos,
tinha o caçador.
Indo ele, um dia
encontrou Corupira no mato.
Este, contam, matou aquele homem.
Abriu seu corpo pelo meio,
tirou-lhe o fígado, calça e camisa
vestiu.
Depois foi chamar a mulher
como sendo o marido:
— Velha! Velha! Onde é que tu estás?
— Estou aqui.
Já em casa para dentro, avançou.
E, como então a mulher, contam,
não olhou no Corupira,
pensou que fosse seu marido.
— Aqui está carne gostosa,
vai cozinhar para mim.
Deu-lhe a víscera do morto
ela assou-a, pegou a farinha,
sentou-se com os filhos.
Na esteira assentou-se também
o Corupira, disse: vamos comer.
Todos comeram juntos. Depois
ele disse:
— Agora eu quero dormir.
Traz filho comigo na rede.
A mulher trouxe o filho e lhe deu.
Corupira dormiu, ela foi,
olhou bem em cima dele, falou:

este não é meu marido,

este Corupira.

E logo arrumou suas coisas

numa cesta chamada panacu;

no lugar do filho botou um pilão

sobre o peito daquele.

Pegou na cesta, carregou numa tipoia,

foi-se embora. Em seguida

acordou o Corupira, já, contam,

levantou-se para fora, chamou:

— Velha! Velha! Onde é que tu estás?

Ela viu-se dele no alcance, fugiu.

Logo, também, o Corupira correu.

A mulher subiu num galho de mambuizeiro,

calada ficou, escutando;

folhas secas embaixo dos galhos,

e a voz insistente:

Velha! Velha! Onde é que tu estás?

Na mesma árvore uscurau cantou:

— Mambuí! Mambuí!

Ouvindo-o o Corupira não soube

nem viu a mulher que olhava

os seus passos de volta.

Então ela desceu, entrou no mato,

Corupira disse:

— Aquela mulher me enganou.

E, rápido, fez:

— Velha! Velha! Onde é que tu estás?

A mulher correu para uma árvore de tronco

grande, que tinha um buraco,

e daquele buraco saltou o sapo canauaru,
ah, canauaru, lhe disse,
me salva do Corupira.
Da resina que trazia em seu corpo
o sapo teceu uma corda, e por ela subiu
a mulher para o buraco do pau.

O Corupira chegou:
-- Velha! Velha! Onde é que tu estás?
Canauaru respondeu-lhe aqui está,
mas ela pediu-lhe não deixe subir
o Corupira. Não te amedrontes,
cracaxou o sapo, EU QUERO MATÁ-LO.
E esfregou sua resina no tronco,
Corupira encostou-se nele
ficou grudado pelo pêlo, secou.
Então a mulher desceu com o filho no cesto,
e voltou para casa.

A NOITE

A noite dormia no fundo do rio.
Cobra Grande detinha o segredo das profundezas,
e ainda não havia animais,
peixes ou pássaros.
Foi quando os escravos do marido
da Cobra Grande,
partiram em busca da noite.
A noite tinha pálpebras de breu
e vivia encolhida no tamanho
de um caroço de tucumã.
Pelo caminho de volta,
o caroço de tucumã deixava escapar
abafados ruídos de grilos e sapinhos.
É que a noite se embalava, sozinha,
nas fibras de tucum.

Aí, os escravos soltaram a prisioneira.
E o dia foi surpreendido com as coisas
transformadas em animais, peixes e aves.
De um paneiro, gerou-se uma onça,
os cipós viraram cobras,
um tronco de árvore no meio do rio
tomou a forma da anta,
uma pedra começou a andar,
era o jabuti,
os frutos silvestre tornavam-se peixes,
os sons da floresta mostravam o cujubim,
o acauã, o uirapuru.

A noite e o dia se abraçaram

no corpo da filha da Cobra Grande.

Porém, como castigo,

os escravos passaram a andar pelos galhos

das árvores.

E a linha que dividia o bem do mal

ficou sendo a boca suja dos macacos,

que até hoje mastigam a polpa do tucumã

pra se limparem dessa nódoa de breu.

O JURUPARI (YURUPARI)

Um dia os pagés se juntaram
para tomar ipadu,
e logo uma donzela chegou até eles,
disseram:
— O que tu vens fazer?
— O que há de ser? Também quero tomar ipadu
com vocês.
Então, contam, os anciãos a deixaram sozinha
na casa onde estavam reunidos.
Depois disso, a moça ficou prenha
sem nada de homem lhe ter aparecido.
E, por duas vezes os pagés assopraram
a fumaça do cigarro,
mas ela não teve a criança.

Fazendo, porém, a travessia para o outro
lado do rio,
uma traíra mordeu-lhe a barriga
e foi então, dizem, que o filho saiu.
Imediatamente, já, os anciãos agarraram
aquele e levaram para o mato,
lá onde de não-ver e não-saber de sua mãe,
ele cresceu.

Grande depois
aparecia ele botando fogo do corpo,
das mãos, da cabeça,
fazendo barulho no mato,
a cara metida na sombra.
Já, contam, os anciãos disseram:
— Mulheres, não olhem vocês para ele.

A PUÇANGA DO TOCADOR

As mulheres, estas,
não olhavam para ele.
Sua flauta era pobre,
triste ele andava, esse moço
quando, uma noite, pescando de anzol,
ele viu três estrelas caírem do céu
e baterem numa ponta da ilha.

Essa laje onde as estrelas caíram
ficou luzindo em seus olhos.
As estrelas queimavam de aroma,
seu corpo de noite repleta
abriu-se então numa planta cheirosa,
já sem as pétalas de fogo.

Miramirou seu mistério de cima,
depois ele foi, esse moço,
enfregar nos furos de sua pobre memby
essas folhas da planta. Em seguida
tocou: tão bonito tocou
que as notas bateram com força
o coração das mulheres.

Desse dia em diante, escondido
o jovem tocador foi recebendo
de uma por uma as mulheres da tribo.
Ao final de algumas luas, contam,
seus ventres já estavam cheios.
E a pedra da Cachoeira olhava tudo
com sua boca de flauta.

SEGUNDA PARTE

TRANSODISSÉIA

Todas as aves extintas

Todos os ecos ainda em combustão

secam no ar deste princípio de lua

A noite que vence é um canto

uma cachoeira que dorme

nos braços da lenda.

Na pedra onde ecoa esse tempo

uma flecha atravessa o meu peito

e sete luas me conduzem,

sete quedas me trazem de volta.

Agora meus dedos têm furos de flauta,

e jorram decepados.

AS SETE ESTRELAS

(lenda do Rio Negro)

A noite é um poço fundo
e transparente.
Chamar pelo seu nome é estar
ao mesmo tempo que a primavera.
A Cobra Grande descobriu esse caminho
porque sentiu fome e sede.
E Dáina também descobriu
no rastro da Cobra Grande.
As Sete Estrelas pisam devagar
quando bebem de seu tempo.

IAPINARI

Iapinari é a pedra que vê,
a boca que sopra a membi,
seu canto cego adverte os canoeiros
adoça o vôo das sombras
que deixaram seu corpo na terra.

Em três movimentos se divide esta lenda:
Noite, sol e pedra.
Entre a noite e a manhã
jorrara o sangue de um pássaro
que lavou a cegueira dos olhos
de Iapinari.
Entre a manhã e a pedra da Cachoeira
eclodira a perfídia,
o segredo revelado no sonho,
o grito do pássaro cancau
e o curto-circuito no meio da festa.

Nesse quarto movimento da lenda,
a flauta do herói guia nossos olhos
para dentro do tempo e da pedra.

LENDA UANANA

(do alto Rio Negro)

Tempo de lua bonita.
A moça virava lua,
seu corpo de fogo frio
amava o fogo do céu.
Quem via a moça de noite
se esquecia como em sonho.
E ela contava o que viam
sem que dela se lembrassem.
Ela era o moço era a moça
conforme as sombras faziam.
Plantou-se como devia
em quase todos da tribo:
naqueles que se perdiam,
naquelas que se matavam.
Da lenda resta a cachoeira
com seus rumores de vozes
que descem ralando pedras.

Dizem uananas correndo
as águas, com seu verão.

PARAMAN E DUHI

Nessa Cachoeira da Onça,
sobre o lagedo que é feito
com pedras de antigamente,
as duas moças da tribo
pelo moço já esperavam.
Seu rosto às vezes brincava
no espelho azul de algum sonho,
o mesmo lhe acontecia
ao moço, quando sonhavam.
Até que os três se encontraram.
Foram três dias de festa,
depois dos quais combinaram,
cada uma delas por si,
fugir com seu namorado.
Só que as irmãs eram duas
para uma sombra de rio.

Hoje, a Cachoeira é deserta,
o tempo dói quando passa.
Três asas de borboleta
rodopiam nessa margem,
fazem puçanga de lua.
Três remos buscam seu porto
sem que saiam de onde estão.
Três corpos sossobram n'água
entre alegria e tormento.
Três flautas de osso e taboca
soluçam guelras de vento.

PARANÁ UAÇU ARAUIRA

(Rio Padauiry - o dilúvio)

A fonte da serra
o verde dos campos
o aroma das flores.
Tudo é grande, intocado
na serra do Erreré.
Todas as coisas ali
tem a idade da terra:
vespas, beija-flores,
mucuins, carrapatos,
a água da serra,
são grandes e cheiram
como antigamente.
O mundo perdeu-se
no mar desse quando.

MATINTA PERERA

O espaço é de lua
— matinta perera
A lua é de sono
— Matinta perera
O sono é de medo
— matinta perera
O medo é um assovio
— Matinta perera
O assovio é de vento
— Matinta perera
O vento é um pássaro
— Matinta perera
E o pássaro é gente
— matinta perera
O que a gente deseja
— Matinta perera
Amanhã de manhã
vem buscar o tabaco
— Matinta perera

TERCEIRA PARTE

MAKUNAÍMA RECRIA O MUNDO

Depois das águas grandes
o mundo ficou seco, oco.
Pedaços de carvão ficaram rolando no solo
como ecos de pedras,
vozes de rio, gemidos de fogo.
Então, Makunaíma acordou.
E do barro de sua vigília
retirou aquele homem, sua forma de barco,
seu peito cavado.

No outro lado de Roraima
seus feitos continuaram.
Homens e mulheres foram sendo mudados
em rochas, antas e javalis.
Perto de Koimelemong, um cervo
mergulha na terra a cabeça de pedra.
Sobre uma grande onda na Serra de Aruaiang,
pousa uma cesta de luar.
A Serra do Mel parece conduzir um silêncio
de aragem, e vai sem ter vindo.
Muitas dessas pedras se elevam
no país dos ingleses, assim como peixes
e uma cesta que imita, por baixo,
um perfil de mulher.

A savana da Serra Mairari
são braços, pernas e cabeça
de um ladrão de urucu.
Por aí também se entreabrem umas nádegas
de pedra. Cachoeiras acima do rio

o movimento dos peixes adentra-se nas pedras.
Uma pedra chamada mutum
canta como aquele
quando alguém vai morrer.
Por um oco de salto
vespas gigantes construíram suas casas,
e zumbem na base mais funda da serra.
Aqui fora, Makunaíma dá os últimos retoques
nos bichos domésticos.
Depois disso, ele deita na terra molhada
e se deixa esvair em milhares de seres
que nadam para o rio.

AS VÁRIAS MORTES DE MAKUNAÍMA

Makunaíma sacode o corpo do mato.
O chão se levanta e caminha.
Fazer é o seu verbo de frutas alegres,
e por onde ele anda um ramo de susto
cai desprotegido
ao solo de um gorjeio.
Aqui, uma cobra balança seu cacho de veneno;
ali, Makunaíma já tomou sua pele
e veste (com ela) os macacos da noite.

Makunaíma é o princípio do invento.
Para ser o anzol ele começa de peixe,
sabe esperar com boca de piranha
o lance do pescador.
Para ver-se homem fazendo o que fazem
com a racha das mulheres,
ele fica menino pidão, mas foge pro mato
com a embira do irmão.
O verde é um silêncio de festa.
Makunaíma despeja seu gozo de febre
e, lá no alto, surge a constelação
do mutum. Ele fabrica o céu
com os pés de terra.

Suas mortes são várias.
Porque mesmo no bucho de uma fera
ou dividido entre braços, pernas, dedos,
tronco, ele comanda o suor do resgate,
a surpresa e o vazio
daqueles o trazem de volta.
Não tem sacanagem de bruxo
que lhe passe à distância.
Makunaíma tece a hipnose dos grilos.
Com essa teia de sons ele entrama

o tempo no espaço:
arruma as coisas de novo,
se deita, afinal, em seu leito de palha.

E enquanto dorme, ele fricciona os artelhos
e provoca um incêndio,
somente (só) para rir dos mosquitos.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 [92] 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura